



ENTRE BALAIOS E PORONGOS, GUARÂNEAS E RASQUEADOS ENCONTREI O MEU NÃO-LUGAR: resenha do livro *babeLocal*: lugares das miúdas culturas de Edgar Cézar Nolasco

José Francisco Ferrari¹ & Giselda Paula Tedesco²

Estabelecer essas referências particulares aspira, desde o início, a que se entenda o lugar a partir de onde falo. Um lugar que não é concreto e que, às vezes, chamo de periferia, outras vezes de Montevidéu, de Uruguai, de América Latina, de margem, de não lugar, de fronteira: desviado, afastado do seu lugar, deslocado. Um lugar muito menos dramático do que o de outros deslocados ou excluídos.

Achugar, Hugo. *Planetas sem bocas*: escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura. p.14

Para início de conversa, quero esclarecer que durante todo o percurso discursivo farei uso da primeira pessoa, apesar de sermos dois, quem sabe em um, ou ainda muitos. Parafraseando Eneida Maria de Souza, acreditamos que “*este texto da memória se constrói em cadeia, movimenta-se em espiral e se pluraliza em vozes e autores diferentes.*”³ Fazer uma resenha seria tarefa menos árdua, não fosse a proximidade, o comprometimento e a admiração que cultivo pelo autor. Parece inevitável que me insira nestas linhas, mesmo porque “nesta superfície convivem o texto e a vida”⁴ de forma que a “escrita do *eu* refere-se a *nós* do grupo, ao plural de uma época e a um determinado lugar histórico onde são produzidos os saberes e através do qual circulam as ideias.”⁵

¹ Graduado em Educação Artística, Mestre em Estudos de Linguagens pela UFMS e Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie-SP. Membro do NECC-UFMS.

² Graduada em Educação Artística e Mestre em Estudos de Linguagens pela UFMS. Membro do NECC-UFMS.

³ SOUZA. *Tempo de Pós-crítica*: ensaios, p.20.

⁴ SOUZA. *Tempo de pós-crítica*: ensaios, p.20.

⁵ SOUZA. *Tempo de pós-crítica*: ensaios, p.20.

Vários momentos vêm a minha mente desde as aulas magistrais de um orientador à frente de seu tempo, que se destaca em sua caminhada acadêmica por derrubar estereótipos e preconceitos em contraposição a toda verdade que se diz absoluta; a firme postura de um intelectual nascido na fronteira, capaz de captar e enunciar com propriedade as miúdas culturas deste *locus*; as conversas “amarelinhas” de fim de tarde, onde toda e qualquer desculpa era motivo para nos reunirmos e teorizarmos sobre a cultura local; os eventos culturais onde fazíamos questão de unir música, dança, artesanato, gastronomia e várias atividades e produções localistas a uma boa dose de teoria, cuja estrela principal, nossa mestra maior, Eneida Maria de Souza nos brindou com sua presença no primeiro desses eventos em outubro de 2009. Isso para citar alguns, tão importantes quanto os que aqui não foram citados, mas sobre os quais farei referência mais a frente.

Numa tentativa de *desconstrução*, no sentido derridaiano do termo, busco na trajetória acadêmica e na história de vida do autor de *babeLocal* contextualizar a produção do livro em si, uma vez que o autor é referência obrigatória no que diz respeito à obra de Clarice Lispector.

Nolasco, nascido em Dourados, é sul-mato-grossense saído do “*balaião*”, “um misto de índio vago, cruza-campo e trota-mundo”.⁶ Após dez anos morando em Minas Gerais, quase se tornando um “mineirinho”, literalmente “volta para casa”. Concursado, em 2004 passa a fazer parte do quadro de docência da UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e a ministrar aulas na Graduação e na Pós-Graduação, onde orienta trabalhos que surpreendem pela diversidade temática, inclusive trabalhos que contemplam manifestações culturais locais que nasceram do povo, como o *Toro Candil*,⁷ e sobre o *Grupo Sarandi Pantaneiro*⁸, os quais numa visada logocêntrica não despertariam interesse acadêmico.

Motivado pelos constantes diálogos informais e com desafios próprios de um mestrado transdisciplinar, onde a diversidade de temas, “olhares”, ideias e orientandos aguçavam a capacidade crítica do autor/orientador, é criado o **NECC** - Núcleo de Estudos Culturais Comparados, a partir do qual se desencadeia uma série de atividades visando oportunizar aos alunos da Pós-Graduação, e mesmo aos da Graduação, espaço alternativo para leituras de texto, estudos, apresentação de trabalhos, eventos culturais e discussões temáticas que proponham uma revisão teórico-crítica à luz dos Estudos culturais e comparados.

Surgem daí também, como espaço alternativo para o debate crítico, os **Cadernos de Estudos Culturais**, uma proposta inovadora onde intelectuais renomados se mesclam a uma

⁶ *Apud* SANTOS. *Raído*, Dourados, ms, v.1,n.2, 2007, p.24-25.

⁷ Manifestação cultural sul-mato-grossense de origem paraguaia, muito comum em Porto Murtinho, cidade fronteiriça do estado de Mato Grosso do Sul. Consiste numa armação feita de arame recoberta de tecido, dando forma ao corpo do animal. Na extremidade dianteira da armação, coloca-se a parte óssea da cabeça de um bovino (o crânio), em cujas laterais são fixadas tochas feitas com bolsas de estopa embebidas em querosene, imitando os chifres de um *toro* (touro em espanhol), nas quais, à noite, sob a luz do luar, é ateado fogo, transformando-as em um *candil* (candeeiro em espanhol).

⁸ Grupo de música e dança da cultura local. Em atividade na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, desde 1991, tem por objetivo desarquivar as “memórias” e as histórias da “gente sul-mato-grossense” que são representativas da hibridação e transculturação presentes na cultura local.

categoria de pesquisadores iniciantes, mestrandos e mestres ocupados em preencher as lacunas disponíveis para o debate crítico em torno da cultura local e/ou cultura Latino-americana.

Quero destacar que a história dos Estudos Culturais em Mato Grosso do Sul encontra-se atrelada ao trabalho desenvolvido na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pelo professor doutor Edgar César Nolasco, tanto no ensino de Graduação quanto no de Pós Graduação, fazendo com que uma revolução silenciosa ocorresse nas mentes inquietas de alunos e orientandos que viam no “mestre” o comprometimento e o “esforço em derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação”⁹.

Desse movimento surgem vários projetos de pesquisa preocupados com questões envoltas ao local, entre os quais destacamos os trabalhos de Márcia Maria de Brito e de Marcos Antônio Bessa-Oliveira, que pretendem pensar o local sob diferentes focos, “pelo avesso do olhar cristalizado e sedimentado na sociedade e nas representações sociais”¹⁰, quer seja a partir da arte impressa de cartazes que divulgam eventos culturais que aconteceram em um determinado período, no Teatro Glauce Rocha, da Universidade Federal em Mato Grosso do Sul, quer seja a partir das artes plásticas onde as diversas paisagens registradas nas telas são percebidas e repensadas pelo olhar de um *pesquisador-geovisuolocalizador* e também projetos que pretendem pensar o local tendo como foco a gastronomia, tão variada e intrigante quanto esse local/estado, híbrido e transculturado desde a sua formação.

Há que se dizer que o envolvimento de Nolasco enquanto orientador do Programa de Pós-Graduação com os seus orientandos e mais ainda com cada objeto de pesquisa, numa parceria extrema, sempre exigiu de ambos muito empenho, dedicação, respeito e rigidez no cumprimento das normas e prazos. A troca de ideias, os constantes diálogos e principalmente a falta de material teórico-crítico pensado e produzido a partir do próprio *locus* de enunciação e de produção de conhecimento aguçaram e incentivaram a que o “professor Edgar” se dedicasse à escrita de *babeLocal*.

O Livro de Edgar César Nolasco, editado pela Life Editora, em 2009, desde o título - *babeLocal: lugares das miúdas culturas*, passando pela criação da capa de autoria do designer Marcos Antônio Bessa-Oliveira, evidencia o olhar voltado para um lugar bem específico - Mato Grosso do Sul, explicitado na arte da capa por um amontoado de araras, faladeiras de natureza, e multicoloridas, oriundas de distintos pontos de fuga; de frente, de lado, de costas, de cabeça para cima, de cabeça para baixo, enfim, mostrando um verdadeiro *entrevero*, que mais lembra um falatório de diversas línguas, resultando numa belíssima composição gráfica e evidenciando a própria *confusão babélica* do local, trazendo como metáfora a arara, ave símbolo do local em questão. Este local marcado por “paisagens” e memórias desarquivadas a partir da “história local” do próprio autor.

⁹ SAID. *Representações do intelectual*, p.10.

¹⁰ SANTOS. *Raído*, Dourados, ms, v.4,n.7,p.67-74, jan./jun.2010, p. 69.

Lugares das miúdas culturas, “esse lugar está sempre em movimento. Sempre aberto para fora como um porongo (Serejo), aberto para dentro, como um caramujo (Barros)”¹¹. Lugar de várias falas, vários sons, vários cantos. Cantos de aves, cantos de bichos, cantos-contos de gente.

Nolasco marca, assim, seu lugar e fala com a propriedade de quem nasceu sul-mato-grossense e permanece atravessado por esse lugar, ou *entre-lugar*¹², seu olhar crítico, desassossegado, como o olhar de um exilado, “capaz de causar inquietação nos outros”¹³, mas ao mesmo tempo impregnado com a leveza de um turista que vê tudo pela primeira vez, e, *por ter feito a lição de casa*, segue com a experiência do já vivido, do já revisado e revitalizado, marcado para nunca mais a ferro e fogo como o gado que corre solto no cerrado, com a herança de um lugar nunca herdado:

O *bios* que repousa no título desta introdução me permite dizer que o crepúsculo oscilante do lugar, que borra as margens áridas e pantanosas, me fez entender que o limite entre os países, as línguas e as culturas movimentam-se, principalmente dentro do escuro da noite, mostrando por conseguinte, que as linhas são tênues e imprecisas, como o efêmero da estrela, tingida de um vermelho que descamba para um roxo quase negro, que fica *do outro lado del camino*, ou *do outro lado del rio*.” [...] “esclareço que há vestígios pessoais, familiares, históricos e culturais meus, dos homens, do povo enfim, da nação localista, inscritos pelos cantos desse lugar plural e híbrido, que caracterizam especificando essa zona fronteira do país.¹⁴

Babel da diversidade, das diferenças, das múltiplas nacionalidades, cada qual com seu sotaque, cada qual com seu linguajar, quer seja espanhol, guarani, português, árabe ou japonês; quem sabe o retrato do local sul-mato-grossense por nós tão perseguido, onde o “povo, essa nação, é a continuação desse lugar que está sempre em movimento”¹⁵,

um misto de poeira da estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passrada em sarabanda festiva no romper da madrugada de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargejo¹⁶.

¹¹ Nolasco. *babeLocal*: lugares das miúdas culturas. Página 12.

¹² Sobre o conceito de *entre-lugar*: Eneida Maria de Souza esclarece: é através da lição de Borges que Silviano define o conceito de *entre-lugar*: Borges me deu a coragem do pensamento paradoxal quando estava preparado (ou estavam me preparando) para os caminhos da racionalidade francesa numa terra onde os lugares-comuns nos impelem para o irracional. Nunca fui vítima da lucidez racional da Europa como um novo Joaquim Nabuco, nem me deixei seduzir pelo espocar dos fogos de artifício ou pelas cores do carnaval nos trópicos. Fiquei com os dois e com a condição de viver e pensar os dois. Paradoxalmente. Nem o lugar-comum dos nacionalismos brabos, nem o lugar-fetichado do aristocrata saber europeu. Lugar-comum e lugar-fetichado imaginei o *entre-lugar* e a solidariedade latino-americana. Inventei o *entre-lugar* do discurso latino-americano que já tinha sido inaugurado pelos nossos melhores escritores. SOUZA, Eneida Maria. *Crítica Cult*, página 80.

¹³ SAID. *Representações do Intelectual*, p.60.

¹⁴ NOLASCO. *babeLocal*: lugar das miúdas culturas, p.11.

¹⁵ NOLASCO. *babeLocal*: lugar das miúdas culturas, p.11.

¹⁶ *Apud* SANTOS. *Raido*, Dourados, ms, v.4,n.7, p.67-74, jan./jun.2010, p. 12.

babeLocal: lugares das miúdas culturas é uma publicação de 135 páginas que se encontra dividido em três capítulos, porém toda a obra, desde as abas (orelhas), passando pela epígrafe e introdução, nos instigam a uma reflexão sobre o local que difere do olhar canonizado pela sociedade estatal, uma obra crítica, *pero sin perder la ternura*, impregnada de metáforas poéticas. O livro, indiretamente, fala de mim, de você, de nós, do outro, migrante ou não, segundo o que consta na contracapa: “tratar de conceitos caros à contemporaneidade, como os de lugar, local entre outros, pode significar o desejo político inconsútil do crítico querer (re) contar histórias, sagas familiares e nacionais(de nação)”.

É uma obra que “vi nascer” e pela qual aguardei ansiosamente a publicação e o lançamento, pois, como bem sabia, seria muito útil e esclarecedora a todos os alunos do Mestrado em Estudos de Linguagens daquele ano de 2009 que, de alguma forma, compartilhavam do mesmo e intenso “objeto de desejo”: a cultura local. Hoje tenho a certeza de que essa publicação é um divisor de águas em Mato Grosso do Sul e um importante instrumento de trabalho para todos os professores, estudiosos e intelectuais que pretendem pensar o local e suas várias culturas.

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca*: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

FERRARI, José Francisco. *Sarandi pantaneiro*: uma especificidade da cultura local. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2011, 123f. (Dissertação de Mestrado).

NOLASCO, Edgar César. *babeLocal: lugares das miúdas culturas*. Campo Grande: Life Editora, 2010.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual*: as conferências Reith de 1993, São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Regionalismo: a reverificação de um conceito *Revista Raído* vol. 1, nº 2. p.24-2, 2007.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica*: ensaios. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2007. (Coleção Obras em Dobras).

TEDESCO, Giselda Paula. *A brincadeira do Toro Candil*: uma manifestação da memória cultural local. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2011, 115f. (Dissertação de Mestrado).

